

1

As comemorações do centenário de Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto em 1957

Eduardo Roberto Jordão Knack*

O presente trabalho visa estabelecer algumas considerações em torno da construção de um imaginário projetado sobre Passo Fundo durante as comemorações realizadas em seu centenário em 1957 a partir das ideias do historiador homenageado durante os festejos dos cem anos, do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 1953 (lançado especialmente em 1957), da publicação *Passo Fundo centenário guia turístico, literário e comercial*, publicado em 1957, que contém um álbum ilustrado do município, bem como em outros documentos produzidos na década de 1950 relacionados ao centenário. Os elementos que caracterizam esse imaginário estão presentes no próprio brasão municipal, criado em 1956 em função da comemoração que ocorreria no ano seguinte:

Art. 1º - É adotado como símbolo do município de Passo Fundo o brasão caracterizado como segue: escudo português quadripartido, em secções, verdes, amarelo, azul e laranja. Em chefe, campo subdividido em dois retângulos, verde e amarelo, representando o desenvolvimento econômico de Passo Fundo (pinho), do presente (trigo), e atravessado por banda de gole azul, centrada pelo nome do município em letras brancas. Em campo de sinople, em laranja e azul, desenvolvimento econômico do presente e do futuro (indústria), repousando na potência hidroelétrica. Ao pé do escudo, banda de gole (vermelho), com letras brancas, do trinômio sobre o qual repousa: TRABALHO FRATERNIDADE PROGRESSO. Tudo encimado da coroa mural de quatro torres, amarelo, ostentado na parte média superior a cruz de cristo, em branco, concentrada de vermelho em elipse amarela. (Ass) Wolmar Salton – Prefeito Municipal. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO, Lei Nº720, 1956)

O brasão caracteriza os objetivos econômicos a serem alcançados (a indústria, com base na potência hidroelétrica), o trigo, esperança da agricultura, mas também lembrava o passado (o pinho, a produção de erva-mate), e o “progresso” aparece com marca do município. Antes de aprofundar o tema proposto, é importante realizar um breve comentário sobre a história da cidade. De acordo com o *Atlas Geográfico de Passo Fundo*, o “território de Passo Fundo foi emancipado de Cruz Alta em 28/01/1857 (lei nº 340) e instalado em

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Doutorando, bolsista do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2

07/08/1857” (SILVA, et. al., 2009, p. 17), tornando-se um “polo regional” do Rio Grande do Sul:

Historicamente identificado como uma referencia regional, Passo Fundo exerce uma função de centralidade fortalecida por vínculos diversos [...] O município polo regional destaca-se nos três setores da economia, demarcadamente nas atividades agroindustriais, comerciais e de serviços, como na saúde e na educação. (SILVA, et. al., 2009, p. 25)

Passo Fundo nem sempre foi um “centro regional” do planalto médio rio-grandense¹. Sua afirmação como “capital do planalto” resulta de uma construção histórica, relacionada a interesses econômicos e políticos. Entre a ocupação de imigrantes luso-brasileiros, no século XIX², formando um entreposto para abastecer as tropas de cavaleiros e muarens que seguiam para a feira de Sorocaba, em São Paulo, até a instalação da estrada de ferro em 1898, a cidade ainda não havia alcançado significativo crescimento. Apenas nas primeiras décadas do século XX é que a economia começa a se desenvolver como consequência da estação férrea, que possibilitou o escoamento da produção e o trânsito contínuo de pessoas, estimulando a construção de hotéis e outros estabelecimentos comerciais para abrigar os visitantes. Em virtude dessas transformações, diferentes historiadores apontam as primeiras décadas do século XX como uma *belle époque* passo-fundense, momento em que a modernização invade o espaço urbano, com o calçamento das ruas, embelezamento das praças, iluminação pública e a formação de novos bairros estimulados pelo aumento populacional.

Em torno da estação férrea da Gare o espaço que compreende o centro da cidade atualmente começou a se formar. “A região periférica à estação ferroviária passou a concentrar praticamente toda a atividade urbana – serviços, comércio e lazer.” (GOSCH, 2005, p. 77). Entre a estação e a Rua do Comércio (a principal rua, antiga “estrada das tropas”, hoje Avenida Brasil) foi construída a Praça Marechal Floriano, em frente à Igreja Matriz, atraindo as principais atividades econômicas e sociais do município. Entre as décadas

¹ A região geográfica em que se insere Passo Fundo é conhecida como Planalto Meridional ou Sul-Brasileiro e “por situar-se na parte central desse planalto, sua posição referencia-se como Planalto Médio.” (SILVA, et. al., 2009, p. 31).

² “Nos primeiros anos da década de 1820, alguns militares, em geral, oficiais milicianos subalternos, requereram léguas de campos na região de Cima da Serra, ao longo das trilhas tropeiras e próximas aos ervais, para montar suas ‘fazendas de criar’.” (BATISTELLA; KNACK, 2007, p. 45). De acordo com Miranda e Machado (2005, p. 22), o Cabo Neves, militar que participou da campanha Cisplatina, “solicitou e recebeu uma área de terra de quatro léguas quadradas, correspondente a 17.724 hectares, onde hoje se situa a cidade de Passo Fundo.”

3

finais do século XIX e a década de 1930, ocorreu um aumento do número de estabelecimentos comerciais e de indústrias. Inicialmente, a atividade industrial foi marcada pelas madeireiras e posteriormente por atividades ligadas a uma agroindústria que utilizava o uso e extração de matéria prima da região (erva-mate, banha de porco, posteriormente o trigo).

Em 1922, o perímetro urbano abrangia uma área de 6,89 km², com inúmeros logradouros já demarcadas e nominados. Constatava-se a expansão do núcleo central no sentido leste, até o rio Passo Fundo, e, no sentido sudeste, em direção a Marau. Observava-se também o surgimento da vila Rodrigues, da vila Luíza e o alargamento da faixa de urbanização ao longo da avenida Brasil. (KALIL, et. al., 1998, p. 51)

O espaço urbano se organizou em virtude de interesses ligados ao desenvolvimento econômico do município. A região central da cidade começou a formar seus contornos, “elitizando” o acesso a posse de propriedades, especialmente em torno da Praça Marechal Floriano, em virtude da crescente valorização imobiliária. Na década de 1940 esse processo é acentuado com um intenso fenômeno de urbanização que ocorre no Brasil, em parte consequência de migrações do campo para as cidades devido a mecanização das atividades agrícolas. Embora a população do município tenha reduzido durante a década de 1950, a população urbana cresceu significativamente, “passou de 31 229 para 50 559, o que corresponde, em termos percentuais, a uma variação de 30,65% para 54,26%.” (GOSCH, 2005, p. 81).

Esta breve introdução sobre o desenvolvimento econômico e urbano de Passo Fundo é importante para esclarecer o contexto em que a cidade se encontrava na década de 1950. O principal objetivo do presente trabalho é compreender como o processo de urbanização, associado ao crescimento econômico e populacional foi legitimado e justificado durante o centenário. Parte-se do pressuposto de que momentos como festas comemorativas³ são fundamentais para a construção de visões sobre o passado. No centenário, em 1957, a expressão “capital do planalto” compreendia o imaginário de uma cidade moderna, que

³ Lofego (2004, p. 20) define a importância das comemorações para uma comunidade: “Os vínculos simbólicos de pertencimento à comemoração são recursos eficientes, pois só se comemora quem se sente parte do que é comemorado. Eis aqui o ponto nodal acerca das reflexões das festas comemorativas.” As festividades comemorativas são momentos propícios para a legitimação de imaginários coletivos que geralmente estão em constante construção nas cidades, no caso estudado, vinculados às lideranças políticas e econômicas. A partir da legitimação de um imaginário através de representações festivas, os vínculos de pertencimentos a determinada memória coletiva se estreitam, afirmando determinadas experiências como a busca de um futuro, objetivos e utopias políticas econômicas coletivas.

4

assumia o papel de líder regional e olhava para um futuro de desenvolvimento urbano e industrial. Diferentes representações⁴ contribuíram para a legitimação do conjunto de elementos que configuram o contorno dessa cidade imaginada.

Los sistemas simbólicos sobre los cuales se apoya y através de los que trabaja la imaginación social se construyen sobre las experiencias de los agentes sociales, pero también sobre sus deseos, aspiraciones e intereses. [...] El dispositivo imaginario asegura a un grupo social un esquema colectivo de interpretación de las experiencias individuales tan complejas como variadas, la codificación de expectativas y esperanzas así como la fusión, en el crisol de una memoria colectiva, de los recuerdos y de las representaciones del pasado cercano o lejano. (BACZKO, 1984, p. 30)⁵

É preciso levar em consideração as experiências dos agentes envolvidos nas comemorações de 1957 para compreender qual imaginário estava em construção naquele momento. O grupo que esteve no poder político por doze anos, tinha íntimas ligações com os grupos que lideravam a economia municipal e com os intelectuais que participaram e/ou foram homenageados durante o centenário. Um dos expoentes desse grupo, com marcante atuação política e intelectual no município e na região, é Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Considerado o “pai da história de Passo Fundo”, teve parte de suas obras reunidas em uma publicação em 1957, distribuída pela prefeitura municipal. O poder público, como um dos principais agentes envolvidos na organização das comemorações do centenário, apresentam as obras desse historiador como a história do município, tornando o próprio

⁴ Chartier (2002, p. 73), refletindo sobre o conceito de “representações coletivas”, define três modalidades pelas quais as representações possibilitam uma relação dos sujeitos com o mundo social, primeiramente, “o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais” realizados e adotados por diferentes grupos para construir a sua realidade social, em segundo lugar, “as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social”, finalizando, “as formas institucionalizadas e objetivadas” que os “representantes” marcam sua presença no mundo. Durante o centenário de Passo Fundo, é possível perceber uma determinada configuração intelectual (que possui uma historicidade, não foi criada naquele momento, obviamente) que orienta as práticas (além das atividades realizadas em 1957, a configuração intelectual fornece o próprio sentido daquilo que se está celebrando) e contribui na institucionalização da percepção dos grupos que estavam a frente do poder político e econômico.

⁵ As considerações de Baczkó sobre o papel dos imaginários coletivos vão ao encontro das colocações de Carvalho (1990, p. 10-11): “A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.” O autor segue afirmando que a “manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas.” Passo Fundo não estava em um momento de “redefinição”, estava em um momento de “afirmação”, mas não é sempre que uma cidade celebra seus cem anos, certamente esse era um momento delicado onde era necessário não redefinir, mas definir aquilo que devia ser celebrado e os aspectos a serem “esquecidos” ou marginalizados nas comemorações.

5

Oliveira como uma representação daquilo que deveria ser celebrado (sua trajetória política e intelectual passa a ser o exemplo de passo-fundense), suas ideias passam a constituir o que Chartier se referiu como a “configuração intelectual”, que orienta e dá sentido ao que se estava recordando, legitimando no presente e aos objetivos futuros.⁶

Oliveira tem uma participação marcante no contexto político, econômico e cultural no início do século XX em Passo Fundo. Foi secretário do Conselho Municipal até 1889. De 1901 a 1905 exerceu o cargo de secretário da Intendência, de 1909 a 1912 ocupou o cargo de Vice-intendente municipal. Foi encarregado da elaboração do 1º Código de Posturas do município em 1916, fundou o Hospital da Caridade em 1914 e em 1923 assumiu novamente o cargo de secretário da Intendência. Foi nomeado prefeito em 1945. Também atuou como jornalista e professor, foi presidente de entidades e associações como clubes literários e de assistência social, foi presidente da Academia Passo-fundense de letras e da Loja Maçônica Concórdia do Sul e uma das principais lideranças do Partido Republicano Rio-Grandense local. Nascimento e Dal Paz indicam algumas das últimas atividades exercidas por Oliveira:

Fez parte das Comissões de recenseamento do Município, em 1920, organizou a contabilidade do Município de Chapecó, em 1932. destacou-se no jornalismo passo-fundense como redator e colaborador dos jornais “O Gaúcho”, “Voz da Serra”, “Boletim da Intendência Municipal”, “Boletim do Hospital da Caridade” (hoje Hospital da Cidade de Passo Fundo). Foi assíduo colaborador do “O Nacional”, “O Exelcior”, Diretor do primeiro órgão espírita passo-fundense “O Orientador”. Vários jornais e revistas tiveram a sua contribuição cultural, inclusive a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, entidade da qual era membro. Foi professor, publicou várias obras históricas sobre Passo Fundo, o acervo histórico que deixou a Passo Fundo, é de um valor imenso. (NASCIMENTO. DAL PAZ, 1995, p. 42)

O tom ufanista conferido a trajetória de Oliveira pelos autores decorre não apenas do grande montante de livros, artigos, crônicas, poemas e demais trabalhos, mas pela legitimação das suas ideias sobre a história, economia, política e cultura da cidade e região como “oficiais”. Foi à visão assumida pelo poder público em momentos e festas das quais as comemorações do centenário possuem destaque frente à particularidade do aniversário

⁶ A obra distribuída em 1957 é o livro *Rememorações do nosso passado*, de 56 páginas dividido em seis capítulos: *Passo Fundo na Abolição*, *A República em Passo Fundo*, *Passo Fundo de 1888*, *Serviço Judiciário*, *A Colonização do Município*, *O Trigo em Passo Fundo*. A coletânea *Annaes do Município de Passo Fundo*, dividido em três volumes: *Aspectos geográficos*, *Aspectos históricos* e *Aspectos culturais*, publicado em 1990 pela Universidade de Passo Fundo, reúne a maioria das publicações realizadas por Oliveira em livros, revistas e jornais.

6

festejado (celebrações de cinquentenários, sesquicentenário e centenários constituem acontecimentos únicos entre os demais aniversários). Nas obras de Oliveira encontramos as justificativas para a principal aposta da economia municipal na década e 1950, o trigo⁷.

Na obra *Annaes do Município de Passo Fundo, Aspectos geográficos*, o primeiro volume da coletânea, Oliveira comenta sobre as edificações que existiam no espaço urbano em 1908, de acordo com o autor “o estilo das construções é, em geral, inteiramente singelo, sem preocupação arquitetônica”. (OLIVEIRA, vol.1. 1990, p. 101). Em seguida comenta sobre os melhores edifícios, “bem construídos e de agradável aspecto”, que seriam a Intendência Municipal, a estação da estrada de ferro, o Clube Pinheiro Machado e o prédio da Sociedade Italiana Yolanda Margherita de Savoya. Todos esses prédios representam grupos e elementos ligados ao desenvolvimento urbano e econômico (todas edificações localizadas entre a Rua do Comércio, Praça Marechal Floriano e a estrada de ferro), bem como os agentes responsáveis pelo progresso de Passo Fundo⁸. Para compreender melhor o papel que Oliveira assume em Passo Fundo como “pai da história”, é necessário entender o seu papel como

⁷ Antes do centenário, em 1951, foi realizado um encontro pela Câmara de Vereadores, chamado de “Mesa Redonda do Trigo”. No final do encontro foi distribuído aos participantes uma lembrança, um cartão com um poema de Oliveira sobre o trigo, escrito em 1917: “Ele é verde a princípio, amarelo depois: as duas cores mais amplas da bandeira gloriosa do Brasil. Para representá-la mais fielmente não tem o azul, é certo, nem as constelações brilhantes que o ponteiavam, mas o céu da Pátria lho dará, cobrindo-o com o seguro elemento de Ordem e Progresso. Não é só esse, porém, o simbolismo da abençoada planta. O verde, que a seara ostenta a princípio, pode simbolizar a nossa esperança no futuro grandioso da Pátria, construído principalmente pela riqueza que lhe há de vir dessa planta, que amarelece no curso da sua evolução benfazeja para os povos. Plantar trigo, pois, é cultivar as cores simbólicas do País, é ter esperança no futuro da Pátria, é enriquecer o Brasil!” Lembrança da mesa redonda do trigo 1957. (localizada no acervo do Instituto Histórico de Passo Fundo, no Arquivo Histórico Regional).

⁸ Oliveira exulta a ocupação dos imigrantes luso-brasileiros e europeus. Os grupos indígenas acabam compreendidos como empecilho para o progresso. Escrevendo um resumo histórico do município nos anos de 1850, o autor comenta que “[...] a despeito das graves perturbações que o assaltaram nesse período, promovidas pelos índios **coroados** que, de tempos em tempos, dando pasto ao seu intenso ódio pela raça branca, acometiam, traiçoeiramente, os moradores e viajantes, fazendo horríveis carnificinas.” (OLIVEIRA, Vol. 1, 1990, p. 63). No livro *Rememorações do nosso passado*, o passado republicano, liberal e antiescravista do município é destacado, porém, os escravos são raramente mencionados. Ainda nessa obra, é interessante notar que o historiador deixa claro que parte de seus escritos resultam de suas próprias memórias, finalizando a descrição da cidade no ano de 1888, Oliveira aponta que: “Era, pois, bem diferente de hoje, Passo Fundo de 1888. Descrevendo-o, talvez minha memória claudicasse nalgum ponto. Si isso aconteceu, resta que os contemporâneos o corrijam. Será serviço prestado à história da terra, que deve ter o nosso culto porque nela é que estão as nossas origens, talhadas pelas gerações que no seu espaço mergulharam no sono misterioso da morte.” (OLIVEIRA, 1957, p. 36). A memória histórica, legitimada em 1957, esta baseada não apenas nas pesquisas do historiador, mas nas suas próprias experiências individuais, que tornaram-se coletivas com o auxílio de seus escritos e da comemoração do centenário.

7

“memorialista”, no sentido de apontar as principais datas a serem celebradas, os heróis a serem exaltados, os espaços que viriam a se tornar “lugares de memória”⁹ da sociedade.

Monteiro (2006, p. 61) indica que um “historiador da memória” deve prestar atenção no movimento de escrita e reescrita da produção historiográfica de determinado período em função do “lugar social” dessa produção, sem deixar de perceber que os historiadores e demais intelectuais que se debruçam sobre o passado não estão desvinculados do contexto social em que estão inseridos. Oliveira viveu a passagem do Império para a República, quando jovem, sentiu a partir de suas próprias experiências os resultados do “progresso”, da *belle époque* passo-fundense do início do século XX. Seu pensamento se alimenta dessas experiências, que estão presentes em suas obras. Nesse sentido

[...] uma visão hermenêutica da produção historiográfica deve recuperar essas interpretações dentro do círculo de interesses sociais pelo conhecimento – ou seja, as perguntas que se coloca uma sociedade a partir dos dilemas de sua experiência social concreta, lutas, disputas, formação de consenso, da recepção e reescritura das interpretações históricas sobre a realidade sociocultural. (MONTEIRO, 2006, p. 61-62)¹⁰

A publicação *Passo Fundo centenário guia turístico, literário e comercial*¹¹, de 1957, vai ao encontro da afirmação de Monteiro de que a historiografia deve ser estudada a luz de seu “lugar social” de produção. As referências ao “pai da história” passo-fundense são marcantes. O uso da memória histórica de Oliveira para justificar o centenário implica uma releitura do passado da cidade a partir da sua visão da história. Essa visão vai ao encontro dos objetivos políticos e econômicos que estavam presentes nas celebrações de 1957. Os agentes do presente (da década de 1950), olhavam para o “seu” passado o pensando e o expondo como coletivo a partir de suas experiências, que estavam em reconfiguração. A memória (individual

⁹ Para Nora, os “lugares de memória são, antes de tudo, restos [...]. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.” (NORA, 1981, p. 12-13).

¹⁰ Também é importante pensar as relações entre cronistas e historiadores, pois muitos livros de Oliveira foram publicados, primeiramente, como crônicas em jornais. “A crônica e a história podem ser consideradas ‘lugares de memória’, segundo a definição de Pierre Nora, pois se constituem em espaços materiais, simbólicos e funcionais em que a memória é constantemente elaborada, reelaborada e interpretada.” (MONTEIRO, 2006, p. 140).

¹¹ O sobrenome do organizador dessa publicação coincide com o de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, bem como a data de publicação do livro *Rememorações do nosso passado*. Para evitar confusões nas citações, o autor da obra *Passo Fundo centenário guia turístico, literário e comercial*, será referenciado como OLIVEIRA b.

8

ou coletiva) deve ser compreendida como um elemento dinâmico, que se ressignifica a partir de acontecimentos do presente. O guia *Passo Fundo centenário* inicia apontando os fundadores da cidade e comenta sobre Francisco Antonino Xavier e Oliveira:

Estamos certos de não cometer despautério ao laborarmos o seguinte silogismo: Heródoto está para a História Antiga assim como Francisco Antonino Xavier e Oliveira está para a História Passofundense. O trabalho desse homem ilustre e sua dedicação a esse mister são admiráveis. Em seus livros, fomos encontrar subsídios para a compilação desta apagada resenha de nossos fatos. (OLIVEIRA b, 1957. p. 11)

A referência ao “pai da história” de Passo Fundo é clara. Sua comparação com Heródoto confere a ele o status não apenas de referência histórica, mas também de um herói local. Ainda são ressaltadas as funções que Oliveira exerceu, especialmente os cargos de professor, juiz e prefeito local. Nas páginas seguintes, comenta-se sobre a Guerra dos Farrapos, como um confronto pesaroso, que dificultou a elevação do lugarejo à categoria de freguesia, ocorrendo dois anos após o fim da guerra. Aponta-se a data de 1891 como o momento em que a vila “ganhou foros de cidade”, destacando que, cem anos depois, “apresenta-se como uma das mais progressistas e maiores de todo o Estado.” (OLIVEIRA b, 1957. p. 13.). Sobre as informações turísticas e estáticas, o guia apresenta as seguintes considerações iniciais:

Lá por fora esta cidade é conhecida como a “Capital do Planalto”. Aqui por dentro também, mas, talvez por modéstia, os passofundenses referem muito pouco essa honraria onomástica. [...] Mas, pela sua situação topográfica privilegiada, como centro de uma grande zona; pelo seu desenvolvimento, quer intelectual, comercial ou urbanístico, Passo Fundo é, cada vez mais, a “Capital do Planalto”. (OLIVEIRA b, 1957. p. 15)

Esta citação demonstra claramente que Passo Fundo está em processo de afirmação como um centro regional, bem como é possível perceber uma relação com a proposição de Francisco Antonino Xavier e Oliveira – que a cidade estava fadada ao progresso em virtude de suas características geográficas. Porém, nem sempre Passo fundo foi um centro regional e nem privilegiada pela sua situação topográfica. As vias de acesso ao município durante o século XIX eram acidentadas, os caminhos que ligavam a cidade a outras regiões eram estradas rudimentares e de difícil trajeto. A questão dos transportes é um ponto de constantes

9

reclamações das cidades do planalto e da serra até meados do século XX, quando a malha ferroviária começa a ser instalada, solucionando em grande parte os entraves para o desenvolvimento comercial e urbano dessas regiões.

No capítulo do *Passo Fundo centenário* intitulado *O Município Ilustrado*, o guia traz uma série de fotografias da cidade em que aparecem em destaque a Avenida Brasil e a Praça Marechal Floriano (com as ruas de seu entorno). Essas imagens marcam o espaço urbano, configurando a visualidade da “capital do planalto”. Para Pesavento (2008, p. 104), “o modo de representar uma realidade faz parte do comportamento social de uma época.” A produção de fotografias de espaços urbanos foi usada tanto para legitimar as transformações que estavam se efetuando na década de 1950, como uma prova irrefutável de que Passo Fundo acenava como um centro regional, uma vez que o modo que essa visualidade foi representada (um guia distribuído para a população e visitantes do município) se insere em uma publicação de grande tiragem, onde não aparece o nome do fotógrafo ou do estúdio em que foram produzidas. Dessa forma, o “ideário documental age nesse sentido, o de aceitar possível um tipo de imagem concebida por máquinas, não por gente e, se possível, como geração espontânea de fatos memoriais.” (MICHELON, 2007, p. 431). Porém, como destaca Monteiro (2008, p. 148):

A fotografia é uma imagem de natureza híbrida – em parte produzida por processos físico-químicos e, em parte, produzida pela mão do homem –, na qual entram as concepções socioculturais do fotógrafo e as da sociedade à qual ele pertence (técnicas, estéticas, históricas, políticas, etc.). Logo, a fotografia é uma imagem ambígua e polissêmica, que é passível de múltiplas problematizações e interpretações.

O fotógrafo, sua técnica, sua visão de mundo não desaparece da sua produção. Mesmo em grandes tiragens, onde não conseguimos observar nenhuma referência de autoria das fotos, não é possível descartar a influência que o contexto sociocultural exerce na produção fotográfica. Especialmente quando se trata de uma série produzida para uma publicação a ser distribuída durante uma comemoração. O imaginário participa ativamente na mobilização de determinadas experiências guardadas nas memórias dos indivíduos que participam da celebração. Nesse sentido também é importante ter em mente o conceito que Meneses (2005) se refere como iconosfera, que seria um conjunto de imagens que serve como “guia”, como um norte para uma sociedade em determinado contexto. As imagens presentes na publicação

10

Passo Fundo centenário são recorrentes, possuem uma historicidade própria¹², não foram escolhidas ao acaso ou por capricho do fotógrafo. Elas representam espaços que foram vitais para o desenvolvimento econômico, para afirmação política e para a vida social do município. Tais espaços começam a se constituir a partir da instalação da estrada de ferro e configuram o atual centro urbano de Passo Fundo.

Outro elemento importante que também está inserido nas comemorações do centenário é o primeiro PDDU de Passo Fundo, elaborado em 1953 e publicado em 1957. O plano aparece tanto como um instrumento de intervenção urbana ligado a necessidades próprias da época (crescimento populacional, instalação de indústrias, formação de bairros periféricos) como uma representação de uma cidade centenária, uma “capital do planalto”. Nesse sentido o plano é enfático ao afirmar que: “o que se tem manifestado até aqui, atuando cegamente sobre a cidade constitui somente uma parte da realidade. A realidade profunda é que esta cidade é o **centro regional do Norte do Estado.**” (PAVA, 1953, p. 22). Com uma “capital do planalto”, era necessário apresentar edificações modernas, isso fica claro a partir da crítica a aparência das edificações:

A população de Passo Fundo se aloja, em sua maioria, em más condições. Mantém-se grande número de vivendas obsoletas, principalmente ao longo da avenida (em maior quantidade desde o Boqueirão até a linha férrea – parte mais antiga da cidade). São imóveis antiquíssimos, em mau estado de conservação, habitados por famílias de classe média (e mesmo os de pior estado, por elementos ainda mais pobres), os quais imprimem um aspecto de decadência à várias partes da cidade. As casas de madeira predominam em tôdas as zonas exteriores ao centro tradicional ou à avenida Brasil. (PAIVA, 1953. p. 34.)

Essas considerações sobre as condições das casas nos principais bairros na época (parte do Boqueirão até a linha férrea) que constituíam a área central, mostra a ideia de que o aspecto da cidade não era adequado para uma capital regional. Chama atenção a consideração sobre a procedência econômica das famílias, especialmente quando é colocado que “o aspecto plástico da cidade é, assim, relativamente pobre, tendo como características: regularidade, monotonia e grande amplitude de espaços.” (PAIVA, 1953. p. 34.). O PDDU apontava as

¹² O próprio Oliveira, em uma obra publicada na coletânea *Annaes do município de Passo Fundo, aspecto geográfico* (1990), com o título *Passo Fundo em 1934*, escrito originalmente para um jornal de Porto Alegre, já utilizava imagens da Avenida Brasil e de ruas e avenidas que constituíam o entorno da Praça Marechal Floriano com sinônimo de progresso e modernização urbana. Nessas fotos aparecem as ruas sendo calçadas, indústrias ao longo da estação férrea e a própria praça.

11

“zonas insalubres”. Três dessas zonas se localizavam próximas ao espaço central que se configurou no início do século XX a partir do progresso trazido pela passagem do trem. Esses espaços abrigavam “as famílias de classe média” e os elementos “mais pobres”, que habitavam nesse espaço até ele começar a se tornar o centro da “capital do planalto”. A partir da valorização imobiliária desse espaço e da necessidade de construir uma visualidade urbana adequada a uma cidade moderna, esses sujeitos, juntamente com suas edificações, sociabilidades e práticas culturais deixaram de fazer parte daquilo que se pretendia comemorar nos cem anos de Passo Fundo.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales memórias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

BATISTELLA, Alessandro. KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Antologia do município de Passo Fundo: a cidade e a região durante os séculos XVII, XVIII e XIX. In: BATISTELLA, Alessandro. (org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

GOSCH, Luiz Roberto Medeiros. Evolução urbana de Passo Fundo. In: WICKERT, Ana Paula (org.). *Arquitetura e urbanismo em debate*. Passo Fundo: UPF, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KALIL, Rosa Maria Locatelli. et. al. Migração e urbanização o caso da região de Passo Fundo. In: DAL MORO, Selina Maria. et. al. (orgs.). *Urbanização, exclusão e resistência: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1998.

LOFEGO, Silvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma “história visual”. In: MARTINS, José de Souza; et. al. (orgs.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc, 2005.

MICHELON, Francisca Ferreira. A fotografia um click nos tempos modernos. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (coord.). *República velha (1889-1930)*. v.3 t.2. Passo Fundo: Méritos, 2007.

MIRANDA, Fernando. MACHADO, Ironita P. *Passo Fundo: presentes da memória*. Rio de Janeiro: MM Comunicações, 2005.

MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber. ROSSINI, Miriam de Souza. (orgs.). *Narrativas, imagens e práticas: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NASCIMENTO, Welci. DAL PAZ, Santana Rodrigues. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) São Paulo: 1981.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes do município de Passo Fundo*. v.1. v. 2. v. 3. Passo Fundo: UPF, 1990.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Rememorações do nosso passado*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957.

OLIVEIRA, Pary de. *Passo Fundo centenário* guia turístico, literário e comercial. Passo Fundo: Oficinas Gráficas do Instituto Social Pe. Berthier, 1957. b.

PAIVA, Edvaldo. et al. *Passo Fundo: Plano Diretor*. Passo Fundo, Prefeitura Municipal: 1953.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber. ROSSINI, Miriam de Souza. (orgs.). *Narrativas, imagens e práticas: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

SILVA, Ana Maria Radelli da. SPINELLI, Juçara. FIOREZI, Zélia Guareschi. *Atlas Geográfico de Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos: IMED, 2009.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.